

Em tua casa vou celebrar a Páscoa

*“O Mestre manda dizer: o meu tempo está próximo,
vou celebrar a Páscoa em tua casa,
junto com meus discípulos”. (Mt 26,18b)*

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

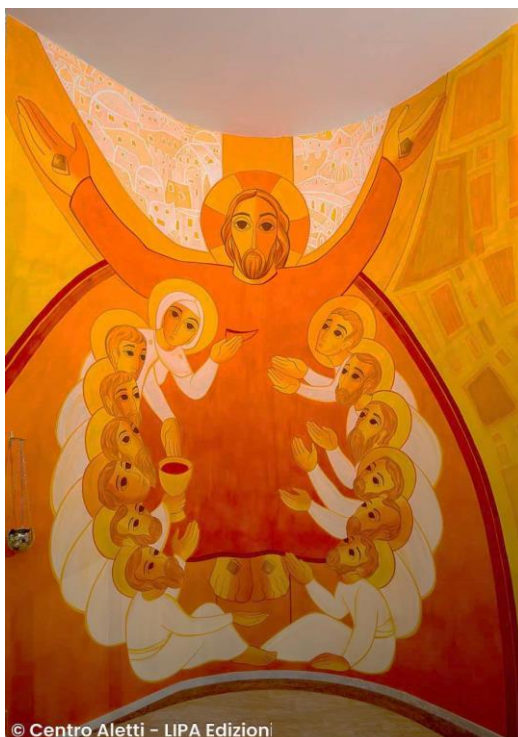
Tomada a decisão de “*subir a Jerusalém*”, começamos a descobrir, contemplando Jesus, qual pode ser o preço da fidelidade no seguimento.

A **contemplação dos “mistérios” da Paixão** acontece numa **atmosfera de grande intimidade**; ela vem a ser como um acompanhar Jesus em seu caminho de entrega radical; quem contempla não pode permanecer reduzido a um simples espectador, mas **“*entrar*”** no caminho de Jesus, **apropriar-se dos “mistérios”**.

A contemplação nos conduz a uma oração de união: querer unir-nos a Ele, **estar com Ele** em silêncio, diante de sua fidelidade, mistério que nos ultrapassa.

Não podemos **desligar a ação de Jesus** na Última Ceia **do conjunto da sua vida**, da sua ação, da sua missão: o anúncio e a construção do Reinado do Pai.

A **Última Ceia recebe a sua significação** a partir do conjunto **desta vida e ação de Jesus**. Ela é o ponto de chegada desta vida comprometida com a vida; ao mesmo tempo, ela é antecipação de tudo o que vai ocorrer na Paixão: entrega radical da Vida.



Última Ceia e Crucificação.

Igreja de Maria – Rainha do Mundo, Bologna IT.
Centro Aletti (2023-2025).

Segundo os relatos dos Evangelhos, durante sua vida pública, **Jesus transitou por muitas refeições, participou de muitas mesas** (especialmente com os pobres e pecadores) e, para culminar, organizou com seus amigos mais próximos, uma ceia de despedida e de esperança; **deixou uma “mesa” como marca dos seus seguidores**: mesa da partilha do pão e da inclusão, mesa da festa e da comunhão.

Ali, ao partir o pão e passar o cálice, pediu que se recordasse d’Ele toda vez que comessem ou bebessem juntos, reavivando a esperança de construir o mundo que todos esperavam. Eles se transfigurariam e o mundo se transformaria em Comunhão toda vez que este gesto fosse repetido.

É no interior de uma casa e em torno a uma mesa que os seguidores de Jesus se constituem como verdadeira comunidade. Ao recordar a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, os cristãos se comprometem a prolongar os Seus gestos, atitudes, valores, compromissos...

“**Fazer memória**” de Jesus junto à mesa é **acolher o apelo d’Ele**: “*dai-lhes vós mesmos de comer*”; é comprometer-se com a vida; é colocar a própria vida a serviço da vida.

Jesus, no final de sua vida pública, quis cear com os seus amigos e por isso precisavam encontrar uma casa e uma sala na qual houvesse espaço para estarem juntos. O ritual pascal dá lugar aos gestos simples que se fazem entre amigos: partilhar o pão, beber da mesma taça, desfrutar da mútua intimidade, entrar no clima das confidências... A relação de Jesus com os discípulos vinha de longe: levavam longo tempo caminhando, descansando e tomando refeições juntos, partilhando alegrias, falando das coisas do Reino.

Jesus sempre buscou companhia; havia nele uma necessidade irresistível de contar com amigos e confidentes.

E continuará considerando-os como amigos, mesmo quando um deles irá traí-lo e os outros fugirão.

Chama-nos a atenção, no Evangelho de Mateus, a maneira como Jesus indicou aos discípulos o local onde queria que a Ceia fosse celebrada: **mandou-os seguir um homem que encontrariam à entrada da cidade.**

Junto a personagens conhecidos nos Evangelhos, outros, sem nome, nem identidade, nem protagonismo, surgem inesperadamente, deixando sua “marca”, como **o desconhecido homem que emprestou sua casa para que Jesus e seus discípulos pudessem celebrar a Páscoa.**

Anônimo perante a posteridade, porque era seguido pelos que vinham atrás dele, este homem, de certo modo e do modo certo, serviu a Jesus como a Igreja deve servi-lo, sem perguntar qual seria seu lugar à mesa. O que aconteceu dentro de sua casa, transformada no mais importante templo material da história humana, seria mais do que suficiente para arrancar dele alguma expressão de vaidade.

Mas, não é isso que aconteceu com ele; ofereceu a casa sem perguntar quem viria celebrar a Páscoa, sem pedir garantias, sem cobrar aluguel pelo espaço; enquanto os sacerdotes e Judas pechinchavam o valor da vida de Jesus, este desconhecido, por pura gratuidade, ofereceu sua casa ao mesmo Jesus.

Certamente, ele e sua família foram testemunhas desta ceia única e especial, e que será a marca de todo(a) seguidor(a) de Jesus.

Aquele homem desconhecido, representa a todos nós; cabe-nos mostrar o caminho do local da Ceia, cabe-nos palmilhar, sobre as pedras do cotidiano, o rumo que leva à casa do Pai.

E devemos fazer com que outros nos sigam, para que se cumpra tudo que foi instituído.

Orientadores do povo de Deus, abramos as portas da grande sala de nossa casa e a confiemos ao Mestre para que realize ali o imenso dom da **Eucaristia, “como aquele que serve”!**

Assim fizeram seus seguidores: após a Ressurreição Jesus foi “*reconhecido ao partir o pão*”; foi reconhecido não porque estava no templo ou ensinava na sinagoga, mas porque partia o pão nas casas.

Jesus fez do universo **seu corpo e se faz pão para nós.**

Por isso, **no primeiro dia da semana, reuniam-se todos nas casas, oravam juntos**, recordavam a mensagem de Jesus, **comiam o pão, bebiam o vinho** e a **vida ressuscitava**. A isso chamavam, “*ceia do Senhor*” ou “*fração do pão*”. Tudo era muito simples e despojado.

A transformação das relações humanas se dá através do partir o pão e do passar o cálice de vinho; como o pão é um, comer desse pão nos faz todos um. A Eucaristia faz de todos nós Corpo de Cristo. Daí o interesse da primitiva Igreja em que, na Eucaristia, comungassem todos do mesmo pão partido, com a finalidade de fazer visível essa unidade de todos.

Ninguém ceia sozinho. Há um partir, um distribuir, mãos que se tocam, olhares que se encontram.

E, em tudo isto, a sensação como se fosse a de uma “conspiração”.

Conspirar, *com-inspirar*, respirar com alguém, juntos.

Conspiradores: respiram o mesmo ar. Jesus e os discípulos, comendo o Pão e bebendo o Vinho, respiram o mesmo ar, o mesmo sonho, a mesma utopia do Reino.

É assim a comunidade dos cristãos, a Igreja: juntos, conspirando, mãos dadas, comemos o pão, bebemos o vinho e sentimos uma saudade/esperança sem fim...

Tomar o pão e o vinho da Eucaristia é fazer memória de uma presença que nos compromete.

Discípulos(as) de Jesus somos todos quando aprendemos a partir o pão. Reconhecemos os cristãos hoje quando partem o pão e não o armazenam. O pão armazenado, como o maná no deserto, se corrompe, apodrece. Compartilhar significa não “monopolizar”, não permitir que haja necessitados entre nós.

O pão partido é a vida compartilhada: meios, tempo, qualidades.

O cristão, além disso, compartilha seus ideais, seu entusiasmo, seu ânimo, sua fé, sua esperança.

Também hoje Jesus precisa de casas para celebrar a Ceia pascal; precisa de nossas mãos para plantar o trigo e triturar os, amassar a farinha e fazer o pão. E precisa de nosso coração para que o pão seja repartido.

O pão sem coração é pão “monopolizado”. Pão indigesto, que engorda o egoísmo.

O pão sem coração gera divisões e conflitos. Quantas guerras fratricidas provoca o pão sem coração!

Deus precisa de nosso coração para que o pão leve o sinal da fraternidade, seja vitamina de solidariedade, alimento de comunhão, energia de vida.

Textos bíblicos: Mt 26,14-25

— Leia atentamente o relato da Última Ceia.

— Prepare-se para uma contemplação. Com a imaginação, faça-se presente à cena, indo com os discípulos para preparar o ambiente da Última Ceia.

— Procure ativar todos os sentidos: olhe as pessoas da cena, escute o que elas dizem, observe o que elas fazem, saboreie o pão e o vinho dados a você por Jesus...

— Participe, com alegria, deste evento único; deixe-se afetar por tudo o que acontece durante a refeição.

— Traga à sua memória o sentido da Eucaristia em sua vida.

— Reserve um momento de colóquio com Jesus, expressando a Ele seus sentimentos.